

LITERATURA E LIBERDADE (*)

Linhares Filho

Escrevi no poema "Voz do Povo", inserido em livro recentemente publicado:

"Se a voz do povo não se engana,
não a estrangule mão de aço.
Quer ser liberta e soberana,
pois nasce lúcida do abraço." (1)

A liberdade do povo como conseqüência da liberdade individual é dos primeiros direitos humanos, por isso uma das missões precípuas da Literatura é defendê-la. Cabe à Literatura ser livre e preservar a liberdade do homem, que para ser em plenitude há de ser solidário. O estar-sendo (*Dasein*) implica em Ser-com-os-outros (*Mitsein*). Se, como afirmou Heidegger, os pensadores e poetas são os vigias da linguagem, que é a casa do Ser, (2) serão, no mesmo pé de igualdade, os vigias da liberdade, pois ser livre é, sobretudo, poder falar.

No livro *O Existencialismo é um Humanismo*, Vergílio Ferreira, interpretando Sartre, escreve:

"[...] a liberdade é o que precisamente me estrutura como homem, porque é uma designação específica da própria qualidade de ser consciente,

(*) Comunicação por ocasião do VII Congresso Brasileiro de Teoria e Crítica Literárias, Campina Grande-PB, setembro de 1984.

1) LINHARES FILHO. *Frutos da noite de trégua*. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1983, p.

2) HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967, p. 24-25.

de poder negar, de transcender. A liberdade é o que define estritamente a minha possibilidade de me recusar como *en-soi* (coisa), projectando-me para além disso ou, se se quiser, para além de mim." (3)

Como se vê, a liberdade é encarada como uma característica essencial do humano, o que distingue mais a capacidade do homem transcender, desvencilhando-se do mundo dos entes, do mundo ôntico para ingressar no ontológico, enfim, o que assegura ao homem a consciência para escolher e assumir com responsabilidade a sua tábua de valores.

Em todos os tempos, a Literatura preocupou-se com a Liberdade contra a opressão social, contra qualquer forma de sujeição do homem, que o impeça de escolher o seu próprio caminho e decidir o seu próprio destino. Em Língua Portuguesa destacam-se os seguintes nomes que cultuaram ou defenderam a Liberdade: Bocage em, pelo menos, três poemas, "Liberdade, onde estás? Quem te demora?", "Liberdade querida, e suspirada" e "Sanhudo, inexorável Despotismo"; Almeida Garrett no poema "Os Exilados"; Antero de Quental em poemas como "No Templo", do Livro Segundo das *Odes Modernas* e "Tese e Antítese"; José Régio no poema "Cântico Negro" e no livro *Fado*; Miguel Torga sobretudo em *Libertação*, *Cântico do homem*, *Penas do Purgatório*, *Câmara Ardente*, muitas páginas do *Diário* e em *Fogo Preso*; José Gomes Ferreira, Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, Faure da Rosa, Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Assis Esperança, Augusto Abelaira, José Cardoso Pires, Alexandre O'Neill, Castro Alves, Cassiano Ricardo sobretudo em *Jeremias sem-Chorar* e *Os Sobreviventes*, Carlos Drummond de Andrade (*A Rosa do Povo*, "Favelário Nacional"), Cecília Meireles (*Romanceiro da Inconfidência*), Graciliano Ramos (*Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*); Jorge Amado (*Seara Vermelha*), Vinicius de Moraes, João Cabral de Melo Neto (*Morte e Vida Severina*, *Auto do Frade*), Antônio Calado, Thiago de Mello, Geir Campos, Carlos Nejar, Jáder de Carvalho (*Terra de Ninguém*), Filgueiras Lima (*Ritmo Essencial*, *Terra da Luz*), Francisco Carvalho ("Canção da Liberdade", *Rosa dos Eventos*), Artur Eduardo Benevides ("Canção da Liberdade"), Moreira Campos ("O Preso"), Caetano Ximenes

3) SARTRE, Jean-Paul & FERREIRA, Vergílio. **O existencialismo é um humanismo**. Lisboa, Editorial Presença, 1978, p. 118.

Aragão (*Romanceiro de Bárbara, Sangue de Palavra*), Affonso Romano de Sant'Anna (*A Grande Fala do Índio Guarani Perdido na História e Outras Derrotas*), José Alcides Pinto, Carlos d'Alge (*Sintaxe do Compromisso*), Roberto Pontes (*Contracanto*), Adriano Spínola (*Fala Favela*). Não podemos esquecer a peça *Liberdade, Liberdade*, de Flávio Rangel e Millor Fernandes, apresentada em todo o Brasil por Paulo Autran e elenco.

Um grande perigo para a obra literária, porém, é o radicalismo no sentido de se sacrificarem os interesses e a verdade artísticos aos interesses puramente ideológicos, panfletários, políticos. Os valores ideológicos valorizam-se tanto mais quanto mais se legitimem artisticamente. Não de ser tanto mais eficientes quanto mais se impregnarem dos requisitos da Arte. Os escritores somos sobretudo homens de Letras e, como tais, devemos preservar a autenticidade do Belo para que este comova e convença. As regras do jogo da Literatura não são as mesmas que usará o político militante. O veículo da obra literária não se deve confundir com o do comício, para o próprio bem e eficiência das idéias que se veicularem. Conscientes disso, saberemos os escritores dosar a participação do *eu íntimo* no *eu social* e compreender o alcance daquela ponderação de Ortega y Gasset: "Eu sou eu e minha circunstância e, se não a salvo a ela, não me salvo a mim." E saberemos entender a advertência de Cassiano Ricardo no seu *Algumas Reflexões sobre Poética de Vanguarda*:

"algo há em qualquer hipótese, na sociedade, que só pela emoção se resolve; problemas que só se solucionam afetivamente, se os queremos solucionar efetivamente." (4)

Convém conhecer o testemunho de Miguel Torga quanto à necessidade da Poesia, ou, mais extensivamente, de haver artistas e arte, preservando-se desta o papel espiritual de beleza e verdade, pelo qual, em essência, independe de facções, partidos ou classes, para ser a expressão do humano e encantar a vida com a disponibilidade, a universalidade e a pureza da flor:

"Há uma coisa que nenhuma ideologia pode tirar aos

4) RICARDO, Cassiano. *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964, p. 93.

artistas verdadeiros: é a sua consciência de que são tão fundamentais à vida como o pão. Podem acusá-los de servirem esta ou aquela classe. Pura calúnia. É o mesmo que dizer que uma flor serve a princesa que a cheira. O mundo não pode viver sem flores, e por isso elas nascem e desabroçam.” (5)

A Liberdade (particularmente numa hora grave como a que vivemos no Brasil, oprimidos pela angústia econômica) há de ser preservada pela Literatura, mas sem que esta abdique dos seus próprios valores, para que não se desfigure como vigia da própria chama da Liberdade, e para que o homem seja cada vez mais, em plenitude.

5) TORGA, Miguel. *Diário III*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1973; p. 12-13.